

Europe's Need for a New Global Strategy

Nick Witney

Investigador senior do European Council on Foreign Relations em Londres, tendo desempenhado a função de Diretor Executivo da Agência de Defesa Europeia e de Diretor Geral para a Política de Segurança Internacional no Ministério da Defesa britânico.

Resumo

O Imperativo Europeu de uma Nova Estratégia Global

No decurso de 2013 Estados-membros, analistas e decisores consideraram que o Conselho Europeu de dezembro passado deveria apelar à reflexão conjunta sobre a avaliação do ambiente global e o impacto dos desafios futuros reclamando a formulação de uma nova estratégia global. A redistribuição do poder global com o desvio dos EUA para a Ásia, o falhanço das intervenções no grande Médio Oriente e a crise financeira levaram a uma retração da Europa. Do mesmo modo, a vizinhança próxima da UE empobrecida e instável perdeu capacidade para lidar com a reemergência do mundo Vestefaliano. O recurso ao *soft power* e à ajuda financeira afiguram-se como pouco eficazes perante parceiros internacionais não socializados com práticas de responsabilidade cosmopolita. No entanto, a propensão da UE para o consenso, compromisso e capacidade para definir a agenda internacional poderá adequar-se bem à transição do mundo hegemónico a uma nova distribuição de poderes, valores e interesses. Isto implicará uma nova forma de pensar estrategicamente o mundo, uma nova forma de projetar valores e repensar o papel das forças armadas.

Abstract

During 2013 member states, analysts and decision makers considered that December's European Council should give the incentive to a common evaluation, regarding the global environment and the impact of future challenges claiming the formulation of a new global strategy. The new global power distribution, with the American shift to Asia, the failure of recent interventions in the wider Middle East and the financial crisis, led Europe to inwardness. In Europe's impoverish and unstable closer neighborhood, the EU lost the ability to deal with the re-emergent Westphalian world. The use of soft power and economical aid are of little effectiveness towards international partners poorly socialized with the practice of cosmopolitan responsibility. Nevertheless, the European tendency to draw on consensus, compromise and ability to set the international agenda seem to adapt well to the transition to new hegemonies and power distribution. This will involve a new form of thinking the world strategically and to find ways to project values and reassess the future role of the armed forces.